Panorama latino-americano

América Latina em dramática marcha à ré



Patrícia

Análise do Banco Interamericano de Desenvolvimento mostra que em matéria de progresso estamos voltando ao passado.

Após 15 anos (1964-80) de significativa expansão, durante os quais a economia regional cresceu a taxas anuais nunca inferiores a 4%, a América Latina entrou em 1983 em seu terceiro e mais grave ano de recessão. O produto global da região, que alcançara taxas de crescimento superiores a 6% entre 1961 e 1975 e permanecera acima de 5% durante o período 1976-80, avançou apenas 1,4% em 1981.

No ano seguinte, as coisas pioraram. Pela primeira vez, desde que existem estatísticas de contas nacionais confiáveis – após a II Guerra Mundial – o produto caiu 1,2% em 1982.

Segundo o estudo anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento, "não há expectativas de recuperação significativa em 1983, devido tanto às condições econômicas dos países industrializados, aos quais a região está estreitamente vinculada comercial e financeiramente, como à adoção de políticas de ajustamento na maioria dos países latino-americanos".

Diz o BID: "Dramático retrocesso per capita"

Para os economistas do BID, a estagnação se afigura mais grave quando observada do ponto de vista per capita. *De fato, na América Latina em conjunto, o PIB* per capita *caiu 1% em 1981 e mais de 3% em 1982. Os ganhos de padrão de vida alcançados entre 1979 e 1980, já no início de 1983 estavam anulados. Em vários países, registrou-se dramático declínio da renda* per capita, *que ficou 10% abaixo do nível de 1980. Argentina, Bolívia, Chile, Costa Rica, El Salvador, Güiana e Uruguai foram os mais prejudicados. Em outros quatro países, entre eles o Brasil, a queda ficou entre 5 e 10%. Trinidad e Tobago foi a única nação que registrou alguma melhoria*

Considerando os diversos setores de atividade, o mais importante retrocesso alcançou a indústria manufatureira, cujo produto, após um declínio de 2,6% em 1981, sofreu uma queda adicional de 2,7% em 1982.

A queda das cotações

Para o BID, o aumento das cotações dos principais produtos do agro latino-americano não alentou a produção. O setor ainda sofreu consideravelmente com as desfavoráveis condições climáticas e o crescimento dos custos devido aos juros altos e à inflação.

A falta de chuvas afetou a produção de soja, arroz e milho, enquanto no Brasil as geadas prejudicavam a safra de café. A produção de cereais sofreu queda de cerca de 6% na Argentina, mas a melhoria dos preços estimulou o setor das sementes oleaginosas.

O informe do BID assinala que nos últimos anos o comércio de alimentos da região tem recebido crescente atenção, uma vez que vários países que vinham aumentando as compras de alimentos no exterior vêem agora diminuída sua capacidade de importar, devido a problemas de balanço de pagamentos.

Diz o relatório:

"A produção total de alimentos, que crescera a uma taxa média anual de 5,2% no período 1972-76, aumentou 3,4% em 1977-82. No âmbito regional, essas cifras foram maiores que a taxa anual de crescimento da população, de 2,4% durante aquela década.

Já no âmbito de cada país, a produção de alimentos per capita *em 1981, por exemplo, situou-se abaixo da média de 1969-71 em Barbados, na Bolívia, em El Salvador, em Honduras, na Jamaica, na Nicarágua, no Panamá, no Peru e em Trinidad e Tobago. Além disso, a produção e, em especial, as exportações estão concentradas fortemente em poucos países."*

Mas, com a redução do ritmo de crescimento da produção de alimentos, tornou-se cada vez mais necessário importar gêneros alimentícios. Cereais, carnes, laticínios, ovos, frutas, hortaliças, açúcar e gordura foram os mais procurados. A média anual dessas importações aumentou seis vezes na década de 70, enquanto que as exportações triplicaram.

Com relação ao comércio total de produtos agrícolas, as importações de alimentos representaram uma média de 71% das importações de 1979-80 e as exportações de alimentos, média de 40% das exportações no mesmo período. Só a Argentina foi responsável por 39% das exportações de alimentos.

De qualquer maneira, a América Latina, em conjunto, registrou superávit no comércio internacional de gêneros alimentícios durante os anos 70 e ainda no período 1979-80. Mas haveria um déficit, não fossem as exportações argentinas.

Indústria deprimida

A indústria manufatureira, cujo produto havia caído 2,6% em 1981, manteve-se também deprimida em 1982, com um declínio de 2,7%. Em 1981, a indústria atingiu os mesmos níveis de produção de 1980, mas o setor da indústria pesada acusou um declínio, ainda mais acentuado no grupo de metais, máquinas, eletrodomésticos e equipamentos de transporte, cuja produção baixou quase 14%.

O estudo do BID assinala que o desempenho regional é fortemente influenciado pelo Brasil e pelo México, cujo produto combinado representa hoje 68% do total da região, em comparação com 53% na década de 60. Em 1981, a produção manufatureira cresceu 7,4% no México mas sofreu declínio de 6,6% no Brasil. Na Argentina e em El Salvador, o valor adicionado pela manufatura sofreu queda vertical de mais de 15% em 1981 e voltou a cair ainda mais em 1982.

A pior crise do Século XX

Os economistas do BID admitem que a região em seu conjunto enfrenta a sua pior crise no setor industrial. Como enfatizam no documento do Banco:

"A indústria de transformação da América Latina encontra-se em meio à que pode ser a pior situação por ela enfrentada no século XX. O seu produto, por muito tempo uma das principais fontes de crescimento econômico da região, teve taxas de crescimento inferiores às registradas na economia como um todo em seis dos últimos oito anos. O choque inicial ocorreu com o aumento dos preços da energia em 1973/74 e com a subseqüente recessão. Disso resultou uma redução do ritmo de crescimento nos países da OCDE, até então importantes compradores de alimentos processados e de minerais, exportados pela América Latina, e já se projetando também como importante mercado para outras exportações de produtos manufaturados. A retração, por sua vez, fomentou o aumento do protecionismo. Um terceiro choque resultou dos esforços para corrigir o excesso de proteção (e a sua tendência a permitir indústrias ineficientes) no Cone Sul, no Peru e, em certo grau, em outros países. Seguiu-se uma rápida redução de várias barreiras à importação, mas, ao lado disso, verificou-se crescente sobrevalorização monetária, uma vez que as políticas de estabilização pareciam estar impedindo que o setor industrial obtivesse alguns dos ganhos esperados da abertura das economias latino-americanas."

*Tabela 1 – América Latina: dívida pública externa e serviço da dívida**

País	Dívida como percentagem no PNB				Serviço da dívida como percentagem das exportações			
	Média anual				Médias anuais			
	1961-70	1971-75	1976-80	1981	1961-70	1971-75	1976-80	1981
Argentina	13,9	14,3	21,3	27,1	23,5	19,4	19,7	19,7
Baamas	n.d.	n.d.	6,7	n.d.	n.d.	2,6	2,6	1,7
Barbados	6,8	9,2	20,0	44,7	1,3	2,5	2,7	3,3
Bolívia	43,5	57,5	89,4	82,2	10,3	14,1	29,0	25,5
Brasil	11,7	15,0	26,2	28,7	22,2	15,2	31,4	33,6
Chile	28,3	44,4	39,6	25,0	17,0	16,5	29,6	27,4
Colômbia	22,7	26,0	25,1	28,5	13,5	13,6	11,0	17,3
Costa Rica	22,2	28,4	61,5	77,8	10,0	10,3	17,1	14,3
El Salvador	9,6	13,0	21,2	31,7	2,7	5,9	3,8	4,7
Equador	17,0	18,7	37,1	46,4	8,1	7,1	15,5	18,4
Guatemala	6,3	6,0	11,1	11,3	6,8	4,6	2,4	3,4
Guiana	43,3	85,2	116,9	130,9	4,8	4,6	17,1	20,1
Haiti	10,6	10,6	25,1	31,1	3,4	7,2	5,5	8,2
Honduras	14,0	24,2	55,8	76,0	2,4	3,9	9,6	13,0
Jamaica	15,0	24,5	50,3	53,2	2,4	5,9	15,1	24,3
México	10,4	15,7	31,2	31,6	21,5	23,0	45,8	29,5
Nicarágua	16,9	35,6	63,6	98,2	6,8	14,0	12,5	29,8
Panamá	16,6	40,5	77,4	71,0	3,3	13,0	31,6	31,2
Paraguai	13,5	22,6	31,4	33,8	8,4	10,5	9,4	11,5
Peru	13,2	22,9	41,3	36,3	9,5	22,9	28,6	47,2
Rep. Dominicana	15,0	19,3	27,4	29,6	6,1	5,1	12,3	17,3
Suriname	n.d.	1,4	2,5	n.d.	n.d.	0,3	0,4	0,5
Trinidad e Tobago	14,6	15,8	21,0	24,4	2,7	3,6	4,2	3,2
Uruguai	15,2	21,3	27,7	29,3	13,2	31,1	23,2	10,4
Venezuela	6,9	10,3	22,7	28,4	2,7	5,2	10,1	14,7
América Latina	13,3	17,6	29,0	31,2	13,5	13,5	23,7	24,2

** Como percentagem do PNB e das exportações de bens e serviços, 1961-81. Fonte: BID, 1983.*

Panorama latino-americano

Examinando o problema desde o ponto de vista empresarial, os economistas do BID observam:

"A combinação desses fatores fez com que a atenção dos empresários se voltasse para considerações de eficiência operacional, mas o seu impacto global desestimulou as exportações, incentivou as importações competitivas e levou a uma grave subutilização da capacidade, à falência de muitas empresas (algumas com potencial econômico favorável) e à dispersão de várias equipes de produção e administração, às vezes mesmo para outros países ou continentes. Outro golpe para o setor industrial ocorreu em 1979/80 em resultado da combinação do segundo ciclo de aumentos dos preços dos combustíveis, e de elevações das taxas reais de juros em toda a região. A queda subseqüente dos preços do petróleo veio a constituir vigoroso golpe indireto contra a indústria do México, da Venezuela e de Trinidad e Tobago, mas não chegou, ao mesmo tempo, a facilitar a recuperação para os principais importadores de petróleo.

Além disso, conflitos políticos tiveram graves efeitos diretos ou indiretos sobre a produção na América Central e em outros países, e a insatisfação dos trabalhadores continua ameaçando a produção em vários outros países que estão tentando pôr em prática medidas de austeridade."

Mas os técnicos também assinalam que, diferentemente do que aconteceu no leste da Ásia, em 1981/82 a produção manufatureira sofreu influências muito mais negativas. Daí que tenham surgido na região nítidas tendências protecionistas.

40 milhões de desempregados

Segundo o mesmo documento do BID, a região latino-americana enfrenta graves problemas de emprego para sua mão-de-obra disponível, estimada em 120 milhões de pessoas. Cerca de 30% desse potencial humano encontram-se hoje desempregados ou subempregados, o que significa que o número de trabalhadores inativos está crescendo, ou que a sua já escassa renda diminuiu ainda mais.

Diz o informe:

"De fato, segundo estimativas do Programa Regional de Emprego para a América Latina e o Caribe (PREALC), as informações ainda parciais disponíveis para os dois últimos anos indicam clara deterioração do mercado de trabalho, no que se refere tanto à situação do emprego como aos salários. De 1970 a 1980, o desemprego aberto na América Latina havia diminuído de 6,6% para 5,8%. Em 1982, porém, o desemprego aberto aumentou para 7,4%, estimando-se que houve uma deterioração muito maior no primeiro trimestre de 1983, a qual, pela primeira vez em muitos anos, afetou a Argentina, o Brasil e o México. O Chile acha-se diante de uma situação crítica, com um incremento da taxa de desemprego aberto de 9% em 1981 para mais de 20% em 1982. Para a Costa Rica, o Uruguai e o Peru, foram estimadas taxas de desemprego de dois dígitos.

Durante a corrente recessão internacional, houve também significativo aumento das taxas de desemprego nos países industrializados. Contudo, as dimensões do problema nos dois grupos de países (os industrializados e os da América Latina) são bem diferentes. Nos países membros da OCDE, onde a renda per capita *é cinco vezes maior que a média da América Latina e onde existem sistemas bastante amplos de seguro de desemprego, a mão-de-obra cresce apenas 1% ao ano, ao passo que, na América Latina, o seu crescimento anual é de 3%. Por isso, o esforço necessário para recuperar uma taxa de expansão que permita absorver os desocupados e os jovens que estão ingressando no mercado de trabalho terá de ser muito maior na América Latina do que no mundo industrializado."*

A redução dos salários reais

Analisando a influência da recessão e do desemprego no comportamento da variável salarial, o documento do BID expressa:

"Com a deterioração das condições nos mercados de trabalho latino-americanos nos dois últimos anos, houve também aumento da taxa de subemprego e redução dos salários reais, especialmente nos setores mais afetados pela retração econômica, como a indústria manufatureira e a construção civil.

No que tange ao subemprego, é difícil estimar a magnitude do seu crescimento a curto prazo.

Estimativas preliminares, contudo, indicam que a América Latina está subutilizando o potencial produtivo de cerca de 27 milhões de trabalhadores, o que significa um aumento de quase 4 milhões de trabalhadores em relação à estimativa feita pelo PREALC em 1980.

As informações disponíveis referentes à tendência dos salários nos dois últimos anos também mostram uma redução. Em muitos países, os salários mínimos reais diminuíram no período 1981-82, em relação a 1980, tendo-se deteriorado também os salários reais na indústria em 1982, em relação a 1981.

A situação do emprego na região e o seu impacto negativo sobre a distribuição da renda fazem prever um aumento das tensões sociais e políticas, indicando aos governos a necessidade de distribuir mais eqüitativamente o custo do ajustamento das economias durante a atual recessão."

Tabela 2 – América Latina – evolução do PIB, 1961-82

	Produto Interno Bruto					*PIB* per capita				
	Taxas médias de crescimento anual			*Variação anual*		*Taxas médias de crescimento anual*			*Variação anual*	
	1961-70	*1971-75*	*1976-80*	*1981*	*1982*	*1961-70*	*1971-75*	*1976-80*	*1981*	*1982*
Argentina	4,3	2,9	2,1	–5,5	–5,7	2,7	1,3	0,5	–6,9	–7,1
Baamas	0,0	0,0	6,2	1,0	1,0	0,0	0,0	3,6	–1,2	–1,6
Barbados	6,3	0,0	3,3	–3,1	–4,6	5,9	–0,6	2,8	–3,5	–5,0
Bolívia	5,0	5,8	3,2	–0,6	–9,2	2,3	3,1	0,5	–3,2	–11,6
Brasil	6,2	10,4	6,9	–1,9	0,	3,6	7,8	4,3	–4,3	–2,4
Chile	4,3	–2,0	7,5	6,0	–14,1	2,1	–3,5	5,8	4,3	–15,4
Colômbia	5,2	6,1	5,5	2,5	1,4	3,1	3,9	3,3	0,4	–0,3
Costa Rica	6,0	6,1	5,3	–4,6	–6,2	3,3	3,3	2,6	–6,8	–8,6
El Salvador	5,7	5,5	1,2	–9,5	–5,4	2,6	2,4	–1,8	–12,1	–8,1
Equador	4,9	11,6	6,5	4,3	2,0	1,8	8,4	3,4	1,3	–1,0
Guatemala	5,5	5,6	5,7	0,9	–3,5	2,5	2,6	2,8	–2,0	–6,2
Guiana	3,6	3,5	–0,1	1,2	–10,6	1,9	2,5	–1,1	0,2	–11,5
Haiti	0,8	3,8	4,8	0,5	–0,1	–0,9	2,2	2,9	–1,2	–1,8
Honduras	5,0	2,4	7,3	0,5	–1,2	1,8	–0,8	4,0	–2,6	–4,2
Jamaica	5,4	1,8	–3,0	2,0	–1,0	3,9	0,7	–4,1	0,7	–2,1
México	7,0	6,6	6,7	8,1	–0,2	3,7	3,4	3,9	5,4	–2,7
Nicarágua	7,0	5,2	–2,1	8,5	–1,4	4,4	2,7	–4,4	6,0	–3,7
Panamá	8,0	4,8	6,0	3,8	1,2	5,8	2,3	3,6	1,4	–1,1
Paraguai	4,5	6,7	10,6	8,5	1,6	2,0	4,2	7,9	5,1	–0,9
Peru	5,1	4,6	1,4	3,9	0,7	2,3	2,5	–0,7	1,7	–1,4
Rep. Dominicana	5,4	9,1	4,9	3,6	1,5	2,6	6,1	2,0	0,8	–1,2
Suriname	n.a.	1,2	5,3	–9,3	–1,0	n.a.	1,3[a]	4,9[b]	–9,5	–1,0
Trinidad e Tobago	4,2	3,7	6,0	4,6	2,5	2,9	3,3	5,6	4,1	2,1
Uruguai	1,6	1,6	4,5	–1,3	–8,3	1,0	1,1	4,0	–1,7	–9,4
Venezuela	6,1	4,9	3,5	0,4	0,6	2,6	2,2	0,8	–2,2	–2,0
América Latina	5,7	6,6	5,5	1,4	–1,2	3,1	4,1	3,0	–1,0	–3,4

Fonte: BID, 1983.

Setor externo, difícil para todos

Segundo o mesmo informe, a situação do balanço de pagamentos na América Latina agravou-se consideravelmente em 1982, mantendo uma tendência que já vinha desde 1980 e 1981. De qualquer maneira, em 1982, houve mudanças bem significativas nas diferentes contas do balanço, o que obviamente reflete as dificuldades encontradas no processo de ajustamento.

"As reservas cambiais – informa o BID – acusaram pronunciado declínio de pouco mais de US$ 12,8 bilhões, equivalentes a 31% das reservas no fim de 1981.

Essa queda faz agudo contraste com as acumulações médias anuais de US$ 4.668 milhões registradas entre 1975 e 1979, uma perda de US$ 1.459 milhões em 1980 e um aumento de US$ 194 milhões em 1981. A perda de reservas sofrida pela região em 1982 não tem precedente nas últimas quatro décadas."

Já a conta de serviços, que inclui os pagamentos de juros da dívida externa, apresenta um déficit de US$ 41,5 bilhões, superior em 10% à do ano anterior e equivalente a três vezes a média anual do período 1975-79. O acentuado aumento do déficit de serviços reflete as altas taxas de juros vigentes em 1982. Ao mesmo tempo, a conta de capital sofreu significativa deterioração, caindo o seu saldo de US$ 45,9 bilhões em 1981 para US$ 29,3 bilhões.

Comércio afetado

As exportações da região foram fortemente pressionadas pela recessão mundial. Só em 1982, elas diminuíram 9,8%. Diz o BID:

"A queda das importações, observada em quatro quintos

dos países, foi extraordinariamente grande em vários deles: 46% no Chile, 45% na Argentina, 37% no México, 28% na Nicarágua, 27% na Guatemala e 24% em Honduras. A redução do valor nominal das importações deve-se à diminuição de 15,4% no seu valor unitário e à queda de 15,4% no seu índice quantum *Uma queda tão considerável no volume das importações não pode ocorrer sem diminuição da atividade econômica, dado que a maior parte das importações da América Latina é constituída de bens intermediários e de capital."*

Outros fatos destacados da evolução externa são sublinhados no documento:

1. "Em 1982, ocorreu abrupta redução do fluxo líquido de capitais para a América Latina, o qual teria sido inferior a US$ 30 bilhões, ou seja, 65% do nível atingido no ano anterior. A essa queda uniram-se o aumento dos pagamentos de juros e a queda das exportações, principais causas do desequilíbrio no balanço de pagamentos.

2. A redução do fluxo de capitais denota principalmente o aumento do risco percebido pelos bancos privados internacionais. Pode-se supor que, nos próximos anos, o fluxo de recursos financeiros privados para a América Latina não terá as mesmas taxas de crescimento da última década, podendo mesmo diminuir em termos reais.

3. Apesar das importantes políticas de ajustamento do setor externo adotadas pelos países latino-americanos em 1982, as divisas geradas por esse processo não foram suficientes para fazer face ao serviço da dívida externa e vários países viram-se impossibilitados de fazer o pagamento do principal e, em alguns casos, até mesmo dos juros. A maioria teve de recorrer ao reescalonamento do serviço da dívida externa e negociar, ou pelo menos tentar negociar, acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) que facilitassem esse reescalonamento. Assim, em março de 1983, 16 países estavam fazendo uso das diversas facilidades de crédito do FMI, as quais representavam quase 48% do montante total das operações do Fundo.

4. O investimento estrangeiro direto, importante fonte de financiamento externo nas décadas de 50 e 60, perdeu importância relativa na década de 70, não obstante ter subido da média de cerca de US$ 2,8 bilhões em 1971-73 para mais de US$ 6 bilhões em 1981. Contudo, os montantes desse investimento flutuaram consideravelmente em muitos países. Para a região em conjunto, a percentagem do fluxo líquido de recursos representada pelo investimento estrangeiro direto diminuiu significativamente desde 1976."

A dívida de todos nós

A dívida pública externa da região (pagável em divisas a prazo de mais de um ano, contraída por organismos públicos ou privados e garantida pelo governo) cresceu rapidamente. De US$ 59 bilhões em 1975, tal dívida evoluiu para US$ 161 bilhões em 1980 e US$ 181 bilhões em 1981, último ano do qual se obtêm cifras confiáveis. Os compromissos também estão fortemente concentrados em poucos países: Argentina, Brasil, México e Venezuela, perfazendo 72% da dívida da região em 1981.

Além disso, naquele ano, o serviço da dívida total da América Latina representou 49% do serviço da dívida de todos os países em desenvolvimento. De outro lado, crescendo mais rapidamente que a própria dívida, o serviço da dívida pública externa latino-americana subiu de US$ 7 bilhões em 1975 para US$ 29 bilhões em 1981, quando a dívida junto a bancos privados, contraída a taxas de juros altas e ajustáveis, representou mais de 57% da dívida total.

Outros aspectos de impacto da questão externa são assinalados pelo BID:

1. "Em virtude da pronunciada alta dos juros no mercado de eurodólares, a relação entre os pagamentos de juros e o serviço total da dívida aumentou de uma média de 37% no período de 1975-79 para 48% em 1980 e 52% em 1981. Em vários países, como já foi assinalado, a carga do serviço da dívida externa tornou-se insuportável em 1982. Ao mesmo tempo que os juros da dívida subiam, diminuíam os prazos de vencimento. Apesar da recente baixa de juros, os pagamentos de serviço deverão continuar aumentando em 1983, devido à redução do prazo médio de vencimentos e à acumulação dos pagamentos de principal de empréstimos contraídos no período 1975-80.

2. O ônus da dívida subiu para toda a região. O coeficiente do serviço da dívida sobre as exportações de bens e serviços aumentou da média de 15% em 1975/76 para 26% em 1978-81. Esse coeficiente é muito influenciado pelo grande peso da dívida dos países tomadores mais importantes, verificando-se que, em 1978-81, a Argentina, o Brasil, o México e a Venezuela pagaram 76% do serviço da dívida da região."

E o que é pior: para os próximos anos as coisas não vão melhorar.

◆

Ib Teixeira